

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola de Comunicação
Curso de Direção Teatral

MEMORIAL da peça *Afeta-me agora ou desaparecerei com o tempo*



PET da Aluna-diretora Julia Gorman
Realizado em 2014/2
Orientação de Direção: Celina Sodré

Ficha Técnica:

Direção: Julia Gorman

Orientação: Celina Sodré

Assistência de direção e Iluminação: Bruno Marcos

Adaptação livre do Poema de Imaginação de Laura Liuzzi

Pesquisa de Linguagem e Dramaturgia: Cia Afirmar de Teatro

Dramaturgia: Julia Gorman

Supervisão de Dramaturgia: Rafael Souza-Ribeiro

Elenco: Julia Shimura

Remo Trajano

Direção de Arte: Uirá Clemente

Orientação de Direção de Arte: Débora Oelsner Lopes

Produção: Lívia Ataíde.

Direção Musical: Diogo Sili e Pedrinhu Junqueira.

Trilha sonora original: Danilo Timm, Julia Gorman, Julia Shimura e Pedrinhu Junqueira.

Músicos: Pedrinhu Junqueira e Thaiana Halfed.

Direção Audiovisual: Isabella Raposo.

Projeções: Thiago Escovedo.

Classificação etária: 14 anos

Sinopse:

É a casa. O deserto de areia. O ator e a atriz. Ele e Ela. Somos estilhaços de memória. Pedacos de música. Recados. O delicado e cru cotidiano. A nossa imaginação e a fantasia. O amor acaba. O amor recomeça. Todos os dias.

Em meu diário de bordo, caderno que me acompanhou durante todo o processo do “Afeta-me”, logo na primeiras páginas, há a letra de uma das músicas autorais que fizeram parte da peça que diz:

*Longa caminhada, solitário estou. Exemplificado estive em tuas sentenças, penas longuíssimas recebi de teus lábios, tuas mãos amenas, tuas constelações azuis, meus sapatos apertados. Tudo quer dizer muito e no fundo quer dizer nada. Tal qual outrora fomos somos éramos num dia qualquer, desses em que se lembrar dói.*¹

O que eram somente imagens poéticas, de fato foram experimentadas como cena durante a criação do espetáculo. Viraram objetos, figurino, dramaturgia, linguagem cênica. Acredito que durante todo o processo criativo de construção da dramaturgia do Afeta-me, nos utilizamos das diversas fontes de imagem que nos debruçamos no primeiro mês. Não possuíamos ainda um texto fechado. O que havia era uma poesia que tratava da relação de um casal, e sete composições musicais minhas em parceria com o meu ex-marido, que também tinham como tema o universo do relacionamento amoroso.

O primeiro mês de processo foi permeado por improvisações sobre algumas dessas imagens, treinamentos e a investigação da linguagem da repetição com a técnica Meisner e dinâmicas que partiam de objetos, nos utilizando da premissa que todos os objetos possuíam memória, para a construção de cenas. Imaginávamos que se as memórias continuassem reverberando eternamente, bastava sintonizarmos em sua frequência para que elas pudessem ser revividas e revisitadas. Dessa forma decidimos que a linearidade não seria utilizada. Gostaríamos de construir a peça como um fluxo mental, ou sensorial, que a partir de um objeto, ou de uma imagem/projeção, a cena/memória seria invocada e repetida. No entanto, como quem narra uma história e já conhece seu fim, e quando o seu fim na verdade era o começo de tudo (a primeira cena da peça é um “recado de voz” d’Ela para Ele que chamamos de *carta de despedida*), todas as

¹ Trecho da canção Sapatos Apertados de Danilo Timm e Julia Gorman

memórias revisitadas como cenas possuíam um tom de crítica e de tensionamento em seus diferentes pontos de vista.

Queríamos falar poeticamente da atmosfera da casa compartilhada, colocando uma lente de aumento nas situações e resignificando o banal. Desejávamos partir de janelas abertas, tais quais as músicas compostas e a poesia. Ambos recursos dialogavam na essência e não fechavam uma historinha.

Em termos dramaturgicos pensávamos em blocos, capítulos que agrupassem momentos desse casal, costurados pela crueza da encenação revelada, os atores construindo as cenas com uma espécie de neutralidade e uma vez construídas, mergulhando nelas e vivenciando-as, ao mesmo tempo comentando-as. Creio que existia na peça um certo tom brechtiano, como quem observa de uma certa distância as memórias e mesmo repetindo-as, mantém-se sempre como narrador/comentador.

O espetáculo era dividido por capítulos que agrupavam as cenas/memórias por títulos, tais quais: Quando o amor nasceu, A casa, A farsa, A festa, O abandono uiva, Quando o amor morreu.

Para o início, eu sabia que queria construir uma cena que introduzisse os personagens, suas esquisitices e obsessões, e que fosse exatamente isso que os unisse.

Ela: Sou obcecada por elefantes.

Ele: Acabei de chegar de Berlim.

*Capítulo um: **Quando o amor nasceu.***

Quería trazer para essa cena aqueles momentos pré-encontro, quando cada um fala uma língua diferente. Quando ninguém se escuta propriamente e há uma necessidade de se afirmar: eu sou isso, para só depois passar a enxergar o outro de fato.

Quería falar sobre o momento que nos apaixonamos e é como se o tempo andasse mais devagar², “como se estivéssemos vivendo debaixo d’água, como duas esponjas do mar”³.

Eu sempre trazia para a sala de ensaios o conceito que desenvolvi no projeto escrito e chamei de “playground dos sentidos”. Eu queria que o rememorar não fosse algo pesado e doloroso, e sim leve como uma grande

² Trecho do diário de bordo do processo do Afeta-me agora ou desaparecerei com o tempo.

³ Trecho do Poema de imaginação de Laura Liuzzi.

brincadeira sensorial. Acho que a competição tão comum em relações de casais de alguma forma apareceu na peça. A competição como jogo, como combustível, como desafio.

A partir do capítulo **A Casa**, o casal decide morar junto e passa a experienciar a atmosfera da casa compartilhada, das cenas cotidianas. A maior parte dessas cenas surgiu de improvisos sugeridos por mim, partindo de objetos como: espelho, balde, jornal, cafeteira, cobertor. Ainda ensaiávamos muito na minha casa e as cenas nasceram de cômodos da casa e de objetos dela.

Eles improvisavam, eu transcrevia ou gravava, e mais tarde no mesmo dia, escrevia. Misturava partes biográficas de uma recente separação em minha vida e a ficção, que nascia dos improvisos e das imagens poéticas discutidas e apreendidas por nós.

Sempre desejei que esse capítulo, *A Casa*, começasse com uma grande utopia. Para isso construímos uma cena que chamamos *Aqui vai ter*, em que os atores manipulavam um pedaço de giz, desenhavam e escreviam seus desejos e planos no espaço cênico. Alguns se aproximavam da realidade e outros eram absolutamente delirantes. Durante a construção dessa cena descobrimos que a trilha ao vivo era um terceiro narrador, e pontuava momentos e fazia comentários musicais.

Eu desejava que as utopias fossem perdendo a ilusão no decorrer da peça, e quando chegávamos ao capítulo três que chamamos: **A Farsa**, começávamos a perceber que alguma coisa ia mal. A partir desse momento o casal dá uma festa no apartamento, artifício de tentativa. A relação amorosa começa a dissonar, mas eles decidem tentar.

*Boca pra dizer, silêncio pra escutar, te olho pra mirar, na mira pra acertar ou cor pra esquecer. Me diz a hora, me faz pergunta, qualquer coisa que quiser saber, só não prometo que vou poder ser desse jeito que teu olho vê, mas vou tentar, tentar tentar tentar. Eu disse que eu vou tentar. Garganta pra cantar, também para engolir, teu peito pra dormir, os pés pra sustentar, meia luz pra me despir. Sou desse jeito tão imperfeito, tuas mãos já me conhecem bem. Só não prometo que vou poder ser desse jeito que teu olho vê. Mas vou tentar, tentar tentar tentar, eu disse que eu vou tentar.*⁴

⁴ Letra da música “Do jeito que teu olho vê” de Julia Gorman.

A partir deste momento da peça é só despedida. Após o capítulo **A Festa** tem uma cena imaginária, onde eles conversam sobre as fraquezas de cada um. Digo “cena imaginária,” porque ela se diferencia das memórias que antecederam este momento. Esta cena supostamente teria sido pós separação, quando os dois habitavam continentes diferentes e redescobrem a vida a sós, sem nenhum tipo de comunicação um com o outro. Mas no espaço do apartamento em que a peça se desenrola, nesse espaço sem tempo onde tudo é possível, eles comentam a solidão e o abandono deste momento para ambos, conversam um com o outro, interagem por e através das imagens projetadas no telão e quando se faz necessário, habitam o mesmo espaço novamente. Basta Ele pegar sua bicicleta, atravessar o atlântico e estacionar no quarto dela.

Logo em seguida, havia o que chamamos de OFF ao vivo, e neste momento é Ele que, sem nenhum romantismo, deixa um recado para Ela sugerindo que eles morem juntos. Um salto pro início de tudo, um momento de comicidade logo em seguida do momento em que se estabelece em cena a melancolia de um amor que se perdeu. Um pedido de casamento atrapalhado, fora da cronologia, propositadamente deslocado.

Ao final do OFF d’Ele, aparecia projetado no cenário o capítulo cinco: **O abandono Uiva** e começava a *cena da cadeira*, que eu sempre chamei de *cena do silêncio*, porque a construímos só com ações físicas, trajetos de despedida pelo espaço e os ruídos produzidos por eles. No entanto, na última semana de ensaio, resolvemos experimentá-la com uma trilha de violão e percussão que acompanhava a personagem d’Ela, e junto com a repetição dos trajetos e a aceleração das ações da atriz, a música também acelerava e perdia sua forma de música, se transformando numa espécie de ruído de melodias desconstruídas, até terminar no silêncio, junto com a porta que batia. Ele ia embora, Ela ficava só. Exausta pela repetição da cena anterior. Só se escutava a respiração da atriz. Neste momento ela pegava o violão e cantava, propositadamente sem fôlego:

Ela canta para Ele no capítulo “A Festa”.

*E se o amor cansar, a gente vai ter que escolher, entre se machucar, ou morrer. Amar é circular e subindo e subindo*⁵.

Por fim, projetava-se o último capítulo, que poderia ser um epílogo: **Quando o amor morreu**. Aqui os dois atores narravam o final da relação de casamento como uma grande catástrofe natural que transformou a casa em um grande deserto de areia.

O Quadrado de luz:

Desenvolvemos um conceito onde um quadrado de luz delimitava um espaço bem no centro da encenação onde não se podia tocar, nem pisar. A personagem d'Ela passava boa parte da peça cuidando dele e impedindo que o profanassem. Já o personagem dele, um bocado mais atrapalhado, às vezes esbarrava nele ou pisava no limite deste com a cena. Tudo que era detrito produzido durante a peça, (confetes, jornal triturado pelo liquidificador) eram varridos para o centro desse quadrado, iluminando todo o “lixo” das memórias da relação.

Na cena final o casal cobria o quadrado de luz com uma toalha de piquenique e pousava uma casinha de bonecas em cima. Enquanto narravam o fim da relação e o aparecimento de um deserto de areia onde era o apartamento, eles despejavam areia sobre a casa, enterrando-a.

Dramaturgia:

Eu tinha muita vontade de produzir um texto colaborativo durante os ensaios e não tinha o desejo de escrever tantas cenas, como acabou acontecendo. Chamei um amigo escritor para organizar dramaturgicamente as ideias para mim, mas ele, muito honestamente, me mostrou que só eu poderia de fato contar essa história.

Acabou virando meu supervisor e me deu coragem para arriscar, sabendo que se aparecesse algo muito hermético ou confuso, ele me ajudaria a enxergar.

⁵ Trecho da canção *Espiral* de Julia Shimura.

Câmera e projeção:

Desde o princípio eu sabia que gostaria de trabalhar com câmera ao vivo e projeções, numa tentativa de aumentar ainda mais a lente sobre o cotidiano e capturar as delicadezas dessas memórias. Era tudo muito novo pra mim, e desejava descobrir as infinitas possibilidades desse recurso cênico. Intuitivamente sentia que as imagens projetadas eram de extrema importância, como mais um recurso poético-imagético-sensorial que a peça necessitava para atingir a atmosfera que desejávamos.

Música:

Tanto as músicas quanto a investigação da linguagem musical pouco espetaculosa e mais *low-profile* eram partes importantes do projeto a serem investigadas como cena. Queríamos experimentar a música como artifício capaz de resolver o irresolúvel. Por exemplo na cena em que, já separados, eles dialogam, cada um de um continente, e tentam uma espécie de reconciliação que só se dá, se é que se dá, com e através da música, tocada e cantada pelos dois. Grande parte da peça mostra as crises de uma relação já estabelecida. Os personagens quase sempre discordam entre si, com exceção de quando se encontram musicalmente, de quando são parceiros de composição. Acredito que os momentos em que os atores tocam e cantam juntos, são os poucos momentos de real cumplicidade e afeto deste casal em crise.

Além dos números musicais, a peça é toda costurada, pontuada e comentada por uma trilha composta para peça, construída em colaboração com a cena, realizadas ao vivo por um violonista e uma percussionista.

Timeline afetiva do processo e resumo do diário de bordo:

2014

Março: Começo a desenvolver na aula de projeto meu projeto de PET.

Julho: Me separo. Quero dizer, se separam de mim da forma mais dolorosa. Fuga, sem explicação, tudo confuso e mal explicado.

Faltam 20 dias pra entregar o meu projeto, que já estava pronto. Projeto este

que fala sobre amor, sobre parceria, sobre tudo que eu estava vivendo e que de um dia pra outro parou de existir. Eu teria que falar sobre as coisas que não existiam mais. De que forma? Como? Por que?

Agosto: *Às vezes eu acho que fui eu que inventei você, mas percebo não quando eu vejo esse final. Esse final é inteiramente seu... É até clichê.*⁶

Esse projeto era para ser nosso. O mais difícil nesse início de processo, foi entender que não era mais nosso, que talvez nunca tivesse sido. Que era meu e de quem mais eu escolhesse ter como parceiro de criação e colaboração.

Setembro: Os primeiros dois atores que eu escolhi começam a ensaiar, mas não podem ficar.

De novo sozinha.

Na verdade não. Nesse momento eu já tinha me cercado de parceiros criativos e estava tendo que desapegar de tanta coisa na minha vida pessoal que rapidamente entendi que não poderia sofrer pelas perdas, e sim aceitá-las e acreditar que as coisas realmente acontecem de modo orgânico, vivo e não obedecem lógica, nem podem ser controlados por nós.

No dia em que perdi o ator, pensei: "devo me desesperar?"

Fiz um convite a outro ator que também não podia e lembro de ouvir da boca do diretor musical: "Calma, Julia, esse ator vai chegar."

Duas horas depois, sem exagero, um amigo meu, ator, chega na minha casa diretamente de Berlim pra passar uma temporada morando comigo enquanto guarda dinheiro pra voltar pra lá. Ele se oferece para fazer a peça, talvez como pagamento pela moradia, não sei ao certo o por que, mas acaba entrando, permanecendo até o fim, e sendo a melhor opção para peça e para o personagem.

Outubro: A atriz que está comigo desde o início, participando de muitos improvisos e exercícios com este novo ator, depois de finalmente levantarmos um primeiro esboço da dramaturgia do Afeta-me, tem que sair da peça também. Eu estou, desta vez, sem a atriz.

Ainda sem me desesperar, mas muito próximo disso, afinal, já estamos no meio de Outubro, lembro que uma amiga atriz, que toca violão e compõe

⁶ Trecho do primeiro texto da peça, OFF ao vivo D'Ela, Cena Carta de Despedida.

assim como eu, disse uma vez que tinha vontade de fazer parte desse meu projeto. Ela se interessou quando lhe contei, ainda tomada pela dor de cotovelo, sobre a minha recente separação e sobre como, em princípio, eu ia falar sobre amor e que agora eu falaria sobre amor, mas falaria também sobre separação, sobre mortes e renascimentos. Sobre se reinventar.

Julia, a atriz, entra no processo com muita força, pois também está passando por um momento difícil. Com o pai doente, com um câncer recém descoberto, ela quer trabalhar, quer pensar em outra coisa, quer criar. Já na primeira semana levanta questões sobre a recente dramaturgia construída. Problematiza, com razão e com um olhar de fora, renovado. Nos faz entender melhor o que tínhamos construído. É ela que me faz escrever uma cena onde o casal compõe e fala sobre composição, porque "se existem tantas músicas na peça e essa é uma parte tão importante da relação", deve ser melhor desenvolvido. A última música da peça é uma composição dela em parceria com seu marido e dialoga perfeitamente com o universo do Afeta-me.

Realizamos os primeiros testes de projeção na sala de ensaio e a filmagem de imagens do casal que virarão projeção na minha casa. Um dia de cinema no processo teatral. O apartamento como set de filmagem.

Novembro: Temos um percalço no início de novembro que balança nossas estruturas, mas permanecemos de pé. O pai da atriz não aguenta e acaba falecendo. É preciso tirar uns dias pra nos reestruturarmos e seguirmos com o processo. Apesar da dor, é um momento importante para o processo do Afeta-me, quando nos deparamos com uma situação real de separação e despedida e nos damos conta da profundidade que existe em tudo que estamos falando.

Quando penso no processo do Afeta-me só me vem uma frase na cabeça; *life is what happens to you while you're busy making other plans*⁷.

Todos os planos que eu tentei fazer, de alguma forma foram reformulados pelo próprio processo de construção do espetáculo, foram reformulados pela própria vida. Pelos acontecimentos que não podemos prever ou controlar. Mas tudo acabou acontecendo do jeito que tinha que ser:

⁷ "A vida é o que acontece enquanto você está ocupado fazendo planos" letra da música *Beautiful Boy* de John Lennon.

Ele: Só se sabe que foi assim.

Ela: Que era assim que tinha que ser.⁸

Dezembro: Muitas coincidências pelo caminho. Estreiamos na terça-feira, dia 9 de Dezembro, na Sala Vianninha, dentro da Escola de Comunicação da UFRJ, as 20h.

Ao meu ver, os grandes acertos da peça são:

- Ter levado a diante a ideia da câmera e das projeções.

Tive um pouco de medo no início de trabalhar com algo que eu não tinha nenhuma intimidade ou domínio, mas soube me cercar das pessoas certas.

- Ter levado adiante os momentos musicais e utilizado as composições que nasceram de uma relação amorosa. Existia algo de muito específico nessas músicas, quase biográfico, que acredito que contribuíram para que a o casal não da peça não caísse em clichês ou lugares comuns.

- Ter apostado no recurso do OFF ao vivo, feito no microfone. Como recados de voz, voicemail. Penso que essa é uma linguagem da minha geração e além do artifício cênico, creio que dramaturgicamente contribuía para que o público reconhecesse neles uma relação de casal contemporânea.

- Ter de fato conseguido transportar a minha casa pra cena: móveis, piano, objetos- mais um traço biográfico- pois sempre desejei que a casa fosse mais um personagem e estabelecesse para sentidos do público, uma ambiência-experiência cotidiana e ao mesmo tempo delirante com a entrada das projeções. Em colaboração com o diretor de arte, criamos uma atmosfera crua de apartamento, e ao mesmo tempo de sonho, de memória, de imaginação.

- Ter me cercado deste elenco e desta equipe tão competentes e sensíveis. Era tudo tão pessoal e em movimento- a cada mês que passava o conteúdo da peça ia mudando. Através da colaboração com a equipe,

⁸ As últimas duas falas da peça.

através dos olhos deles, eu enxergar tudo com o distanciamento necessário para sair do meu próprio umbigo e equilibrar biografia em cena com a ficção construída por todos nós.

- **Ter conseguido inserir o público na cena.** Eles ocupavam o cenário muitas vezes e eram parte da peça. Eram chamados para compor algumas cenas e participar ativamente, ou compunham outras de maneira mais passiva, simplesmente pela proximidade com os atores. Acredito que atingimos o nosso objetivo de transformar a sala de apresentação em um ambiente caseiro e convidativo, apesar do calor tão característico do mês de Dezembro.

Conclusões:

Posso dizer com toda a certeza, que a construção da peça *Afeta-me agora ou desaparecerei com o tempo* foi a experiência mais louca, lúcida, dolorosa, prazerosa e honesta da minha vida. Estou até agora tomada pelo sentimento de gratidão por tudo e todos que de alguma forma fizeram parte e os que assistiram o trabalho e generosamente compartilharam experiências conosco sobre suas próprias vidas. Uma enorme satisfação e surpresa maior ainda perceber que algo tão pessoal pode ser ao mesmo tempo tão universal.

Imagens:





A XIX MOSTRA DE TEATRO DA UFRJ APRESENTA:

Fragil

DIREÇÃO: Julia Gorman ♥
 Com JULIA SHIMURA E REMO TRAJANO

EU TE AMO ♥

TER / QUA / QUI
 09, 10 E 11
 DE DEZEMBRO
 Às 20h

VIA AEREA
 PAR AVION

NA Sala Vianninha, ECO
 CAMPUS DA PRAIA VERMELHA

SENHAS DISTRIBUÍDAS UMA
 HORA ANTES.
 TRAZER 1KG DE ALIMENTO
 NÃO REUSIVEL.

afeta-me ♥
 agora eu desaparecerei com o tempo

DRAMATURGIA COLABORATIVA INSPIRADA WEGEMENTE NO "PRIMA DE IMAGINAÇÃO"
 DE LAURA WURZI E EM CANGAÇOS ORIGINALS.



















